

Também cantamos “louvado sejas, Senhor”: reflexões de um pastor evangélico a partir da encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco

We also sing “praised Be, Lord”: reflections of a protestant minister about *Laudato si'*, a pope Francis' encyclical

Claudio de Oliveira Ribeiro¹

Resumo

Análise, em perspectiva ecumênica, da encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco, com destaque para os conteúdos que reforçam a dimensão social do documento, que aproxima as diferentes igrejas e religiões, assim como os setores científicos e movimentos ecológicos. A partir dos conteúdos da encíclica faz-se uma reflexão teológica ecumênica sobre os principais aspectos de uma teologia da criação. Esta compreensão teológica requer formas de espiritualidades compatíveis que indiquem aspectos práticos imprescindíveis para o futuro da humanidade e da Terra. Trata-se de uma abertura à sensibilidade com os outros e à cooperação e respeito à vida humana e à natureza, perceber o mundo natural, material e humano como fontes vivas de energia e de responder ao chamado à comunhão entre eles, em espiritualidade comunitária e ecológica, vital para a sobrevivência da biosfera.

Palavras-chave

Laudato si'. Papa Francisco. Teologia ecumênica da criação.

Abstract

Analysis, in ecumenical perspective, of the encyclical *Laudato si'*, of pope Francis, with emphasis on the content that reinforce the social dimension of the document, which brings together the different churches and religions, as well as the scientific sectors and movements ecological. From the contents of the encyclical there is an ecumenical theological reflection on the main aspects of a theology of creation. This theological understanding requires forms of compatible spiritualities that indicate practical aspects indispensable to the future of humanity and the Earth. It is an openness to the sensibility with others and to the cooperation and respect of human life and nature, to perceive the natural, material and human world as living sources of energy and to respond to the call to communion between them, in community spirituality and ecological, vital to the survival of the biosphere.

Keywords

Laudato si'. Pope Francis. Ecumenical theology of creation.

INTRODUÇÃO

O papa Francisco, ao promulgar a encíclica *Laudato si'*, recria, de forma belíssima e corajosa, o vínculo perdido da liderança católico-romana com as transformações teológicas e pastorais propostas e decorrentes do Concílio Vaticano II (1962-1965). Depois de décadas de

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-doutorado pela Southern Methodist University (SMU). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Contato: cdeoliveiraribeiro@gmail.com.

retrocessos, de integristas e de conservadorismo dos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e de Bento XVI (2005-2013), surge um novo horizonte de aberturas.

A nova encíclica está em consonância com atitudes e palavras do pontífice desde os seus primeiros dias como papa, que sinalizam um estilo pastoral mais aberto, progressista e despojado para a Igreja. Portanto, não se trata de um documento isolado, mas articulado com a referida recriação da *primavera conciliar* que encantou o mundo nos anos de 1960. A encíclica também cria um elo de renovação teológica, completando a visão que poderíamos chamar de *ad extra*, pois o próprio texto reforça que se trata de uma mensagem ‘para fora’ da Igreja católica romana, destinada às pessoas e aos grupos de boa vontade, com a visão *ad intra* da exortação apostólica *Evangelii gaudium*, escrita tempos atrás, em que o enfoque foi na vida cristã em seus aspectos eclesiais. Portanto, com esse elo surge um potencial criativo de novos ares para a Igreja católica romana.

Nossa consideração é que a força simbólica da encíclica, somada aos conteúdos sociopolíticos nela presentes, redundará em reforço das perspectivas mais abertas e críticas ao sistema econômico dos diferentes grupos da sociedade. O mesmo se dará com as demais igrejas cristãs (ou grupos e setores dentro delas) que advogam posicionamentos críticos em relação aos temas sociais e ecológicos. Ou seja, a encíclica, ao lado de posturas teológicas e pastorais mais abertas do papa Francisco, contribuirá para que a força de grupos progressistas e ecumênicos das igrejas cristãs – evangélicas, anglicanas e orientais – aumente. Isso já tem se dado desde o início do pontificado dele e agora ganha impulso com a carta. O mesmo se dá com o diálogo inter-religioso e com a sociedade em geral, incluindo os setores científicos e movimentos de defesa do meio ambiente. O próprio papa, na encíclica, afirmou que:

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber. Isto impede de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente. Torna-se necessário também um diálogo aberto e respeitador dos diferentes movimentos ecologistas, entre os quais não faltam as lutas ideológicas. A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que “a realidade é superior à ideia”. (LS 201).

Nas reflexões teológicas e pastorais contemporâneas tem sido cada vez mais necessária uma análise da condição humana atual na sua relação com a história, com a natureza e o com o cosmo. Da mesma forma, o estudo da cosmologia, das implicações teológicas das novas teorias científicas e filosóficas, da relação entre teologia e ecologia e do lugar da alteridade na experiência humana, entre outras questões, tem sido igualmente imperativo para a tarefa

teológica e para a busca de resposta aos desafios pastorais que a sociedade nos apresenta. Passos nessa direção precisam ser dados.

1 OLHARES DE LIDERANÇAS EVANGÉLICAS SOBRE A *LAUDATO SI'*

No contexto de nossa discussão, recentemente, tive o prazer e a oportunidade de organizar um livro que se propôs a ser uma modesta contribuição na direção ecumênica de uma teologia da criação. Trata-se do livro *Evangélicos e o papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a encíclica Laudato si', do papa Francisco* (2016) que tem tido certa repercussão positiva, tantos nos setores católicos quanto nos evangélicos. O referido livro está mergulhado nas experiências ecumênicas. O papel que as pessoas que contribuíram com suas reflexões nesta obra desempenham no movimento ecumênico nacional e internacional é significativo. Tal vocação nos leva a valorizar o legado de Francisco com a referida encíclica, assim como traz à memória a contribuição expressiva de setores ecumênicos, especialmente o trabalho desenvolvido pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), cujo embrião está ainda nos anos de 1970, para a temática do cuidado com a criação. Foi nessa época que se estruturaram a iniciativa e o programa de ação *Justiça, paz e integridade da criação* (JPIC).

Em relação à obra citada, muitas outras pessoas e grupos contribuíram com as suas visões. Outros poderiam também ter contribuído para ela, pois há no universo das igrejas evangélicas brasileiras uma rica variedade de ações que leva a sério o cuidado com a criação. Boa parte delas acentua elementos críticos em relação à destruição da natureza, ao descaso com o meio ambiente e à preocupação com o futuro da terra para as novas gerações. Algumas apresentam visão crítica ao sistema econômico, como mola propulsora da destruição da vida em função do lucro e da ganância. Outras enfatizam a participação pessoal e comunitária no cuidado da criação e nos esforços educativos que visem a uma nova criação. No entanto, os limites editoriais e de tempo para articular toda essa experiência possibilitaram apenas o registro de algumas destacadas lideranças evangélicas e anglicanas.

A reflexão oferecida na referida obra representa, ainda que com limitações, a diversidade do quadro religioso evangélico brasileiro. Reunimos olhares de batistas, metodistas, presbiterianos, pentecostais, luteranos, reformados e anglicanos. Homens e mulheres, jovens, pastores e pastoras que atuam na base das igrejas, pessoas que se dedicam à academia, clérigos, clérigas, leigas e leigos. Assim, motivados por um líder católico romano, Francisco, e pela vocação maior do Evangelho traduzida nos compromissos éticos com a manutenção e promoção da vida, em todas as suas dimensões e concretude, propõem reflexões que integram a obra.

A organização do livro se deu em um contexto muito significativo para as igrejas no Brasil. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), que congrega a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, a Igreja Presbiteriana Unida e a Aliança dos Batistas do Brasil, preparou a Campanha da Fraternidade Ecumênica, de

2016, com o tema da responsabilidade de todas as pessoas com a casa comum, o qual havia sido definido em 2014, antes da divulgação da encíclica. A campanha tem por objetivo o debate de questões relativas ao saneamento básico, desenvolvimento, saúde integral e qualidade de vida aos cidadãos, e o tema *Casa comum, nossa responsabilidade* tem como lema o belíssimo texto bíblico do livro profético de Amós: “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca.” (Am 5,24). Os materiais produzidos, o diálogo de diversos grupos e organizações cristãs sobre o tema e os esforços que serão feitos conjuntamente certamente darão mais brilho aos olhares até aqui apresentados.

2 A DIMENSÃO ECUMÊNICA DA LAUDATO SI'

Voltemos à encíclica. A dimensão ecumênica dela se dá em vários níveis, e os dois que desejamos destacar são: o fato de tratar de situações que afligem toda a humanidade, como é o cuidado com a criação; e as referências explícitas no texto à contribuição de outras igrejas e religiões. O primeiro revela a postura de humildade que tem marcado o pontificado de Francisco:

Sobre muitas questões concretas, a Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões. Basta, porém, olhar a realidade com sinceridade, para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum. A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas. (LS 61).

Ao lado dessa visão há o reconhecimento do papel e da contribuição de outros setores religiosos. Como nos disse Francisco, não somente ele, mas também os que o antecederam:

[...] recolhem a reflexão de inúmeros cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre estas questões. Mas não podemos ignorar que, também fora da Igreja Católica, noutras Igrejas e Comunidades cristãs – bem como noutras religiões – se têm desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre estes temas que a todos nos estão a peito. Apenas para dar um exemplo particularmente significativo, quero retomar brevemente parte da contribuição do amado Patriarca Ecumênico Bartolomeu, com quem partilhamos a esperança da plena comunhão eclesial. O Patriarca Bartolomeu tem-se referido particularmente à necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta, porque “todos, na medida em que causamos pequenos danos ecológicos”, somos chamados a reconhecer “a nossa contribuição – pequena ou grande – para a desfiguração e destruição do ambiente”. Sobre este ponto, ele pronunciou-se repetidamente, de maneira firme e encorajadora, convidando-nos a reconhecer os pecados contra a criação: “Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas húmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado”. Porque “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus”. Ao mesmo tempo Bartolomeu chamou a atenção para as raízes éticas e

espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a encontrar soluções não só na técnica mas também numa mudança do ser humano; caso contrário, estaríamos a enfrentar apenas os sintomas. Propôs-nos passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que “significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar. É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que o mundo de Deus precisa. É libertação do medo, da avidez, da dependência”. Além disso, nós, cristãos, somos chamados a “aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilhar com Deus e com o próximo numa escala global. É nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram no menor detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”. (LS 7-9).

Como sabemos, a perspectiva ecumênica, tanto na dimensão intracristã quanto na inter-religiosa, ganhou nas últimas décadas forte destaque nos ambientes teológicos, acadêmicos ou no nível das práticas religiosas. Nossa pressuposição é de que ela é fundamental para toda e qualquer experiência religiosa ou esforço teológico ou hermenêutico em geral. Essa visão, quando vivenciada existencialmente e/ou assumida como elemento básico entre os objetivos, altera profundamente o desenvolvimento de qualquer projeto, iniciativa ou movimento religioso, o que explica o interesse crescente de vários grupos pelos estudos sobre o pluralismo. No tocante à teologia, em todos os seus campos, o dado ecumênico suscita novas e desafiantes questões.

No campo cristão, por exemplo, na medida em que pessoas e grupos, nas bases, nas atividades práticas, nos espaços de formação e em encontros, contam com a participação daqueles oriundos de confissões ou religiões diferentes, vão mergulhando cada vez mais no universo plural que a sociedade hoje representa. Mais do que isso, aprendem a fugir das respostas rápidas e unívocas e descobrem a existência de formas distintas – e igualmente válidas – de compreender o mundo, a vida e a missão religiosa. Além disso, e em plano semelhante, compreendemos que o diálogo supõe que cada um dos lados seja autenticamente ele mesmo e como tal se manifeste, se revele e seja acolhido; ao conhecer melhor o outro, cada um conhece melhor a si. O que poderia parecer um fator que aprofunda as distâncias torna-se caminho privilegiado de uma nova visão espiritual.

A presença do ‘outro’ é a dimensão interpeladora da prática ecumênica. É este ‘outro’, em seu corpo, sua fala, seus olhares e sua fé, que estimula a vida e a produção teológica de quem com ele ou ela se relaciona. Essa presença e essa interação são desafiadoras em diferentes aspectos. O primeiro ponto é a pluralidade. Embora esta esteja cada vez mais destacada nos discursos, é possível assumir as dificuldades que muitos dos que têm a perspectiva teórica dos referenciais da ‘esquerda política’ encontram nesse aspecto. Os reducionismos teóricos e metodológicos de expressiva parcela de agentes e lideranças religiosas, assim como de teólogos e teólogas, têm sido muitas vezes um exemplo de estar *pouco à vontade* nesse ponto. Francisco nos chama a atenção que:

Também cantamos “louvado sejas, Senhor”

Se tivermos presentes a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir duma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria. Além disso, a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão. No que diz respeito às questões sociais, pode-se constatar isto mesmo no desenvolvimento da doutrina social da Igreja, chamada a enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios. (LS 63).

Ainda sobre a pluralidade, reconhecemos que na visão dos grupos políticos e religiosos com visões mais conservadoras ela quase sempre não é considerada um valor. Já as pessoas que somam em sua trajetória uma experiência ecumênica regra geral acrescentam às diferentes práticas, eventos, projetos ou experiências religiosas uma sensibilidade distinta de abertura, afetividade, alteridade e criatividade. Também o aprofundar da vivência ecumênica exige um reordenamento de sentidos e de sensibilidade aos fatos. Trata-se de possuir – como as mulheres, por exemplo – outra forma de ver o mundo e o divino. Assim, nessa interação com o ‘outro’, nas mobilidades de nossas fronteiras, se dá um encontro com ‘o novo’, numa espécie de evento *kairótico*, em que a relação com essa alteridade explode o curso comum das histórias pessoais e de grupos.

Outro significado teológico da vivência ecumênica, tanto para expressar a unidade no âmbito das igrejas cristãs quanto na dimensão do diálogo inter-religioso, é a referência utópica. Podemos afirmar que o papa Francisco é um visionário. O mesmo dizemos daqueles e daquelas que generosamente contribuíram para o livro que nos referimos acima: são trabalhadores e trabalhadoras do futuro. A presença e o trabalho em conjunto de pessoas e de grupos com diferentes experiências religiosas apontam para o futuro e, necessariamente, precisam estar deslocados do real. É a dimensão da imaginação. Esse utópico, todavia, não é uma perspectiva linear e progressiva da história em que ela vai se completando e tomando rumo a um sentido único. Utopia, aqui, relaciona-se com uma atividade visionária que, baseada na dimensão do futuro, cria intervenções e rupturas no presente.

3 ESPIRITUALIDADE E CRIAÇÃO

O cuidado com a criação, com a *nossa casa comum* está vinculado à fé que se expressa na máxima *Deus é amor*. Significa que a relação que as pessoas estabelecem com Deus – ou que ele estabelece com elas e elas respondem – e aquelas que firmam com as outras pessoas e com a natureza não são de autoritarismo, em que alguns são os sujeitos e as demais realidades, meros objetos para manipulação, domínio e destruição, se assim for desejado. Ao contrário, o Deus bíblico, porque se revela em amor, estabelece uma relação de comunhão. Aliás, a doutrina da criação também poderia ser chamada de doutrina da comunhão, e seria um excelente exercício

para reflexão sobre a Igreja, uma vez que se as pessoas e grupos seguissem o exemplo de Deus, que é amor e que estabelece relações, estariam sendo um modelo para as igrejas, para as religiões e para a sociedade. Isto é a alteridade: respeito e valorização do outro e da terra.

É significativo observar que nos relatos bíblicos de Gênesis vemos o homem e a mulher iguais diante de Deus e em comunhão com toda a criação; entretanto, lamentavelmente, em termos comparativos, verificamos na sociedade hoje que tal perspectiva igualitária e dialógica não se dá. O mesmo ocorre nas igrejas, em que também há muitas dificuldades nesse aspecto. Todavia, as bases bíblicas e teológicas que seguimos indicam o propósito de Deus de forma diferente. Ao analisarmos o olhar bíblico, percebemos as consequências práticas e concretas do amor de Deus para a vida humana, para a história e para os destinos da natureza e de toda a criação. Então, descobrimos uma trilha, um caminho espiritual para perceber que o Deus Trino significa que ele é essencialmente amor. Isso serve como norma de discernimento dos próprios textos bíblicos.

A visão trinitária é, portanto, o melhor modo/caminho para que possamos compreender a presença de Deus na criação. O testemunho de comunhão nos leva a entender e a amar o Deus Uno e Trino que está aberto ao relacionamento com todo o cosmo, descaracterizando o pensamento de sujeição absoluta que coloca a criação como objeto de exploração e de hierarquização. O teólogo evangélico Jürgen Moltmann, no livro *Deus na criação: a doutrina ecológica da criação*, expõe a ideia da ação direta do Espírito no ato da criação, pois é nele que tudo é planejado e consumado.

Tudo o que é, existe e vive graças ao constante fluxo de energias e possibilidades do Espírito cósmico. Por isso, toda a realidade criada tem de ser compreendida de forma energética e entendida como possibilidade realizada do Espírito divino. Através das energias e possibilidades do Espírito, o próprio criador está presente na sua criação. Ele não está somente contraposto a ela de uma forma transcendente, mas entra nela e nela está de forma imanente. O *fundamento bíblico* para essa compreensão trinitária da *criação no Espírito* é o Salmo 104,29-30: “Esconde a face, e estremecem; se retiras o seu alento, morrem e voltam ao pó. Envias o teu alento, e são recriados, e renovas a face da terra”. (MOLTMANN, 1993, p. 27, grifos do autor).

O Espírito mantém a criação levando-a a uma plenitude cheia das virtudes de Deus. Pelas energias de sua *ruah*, presente “em tudo e em todos”, o Espírito age e conduz a presença divina no mundo. Portanto, mediante esse ato contínuo percebemos a importância que o Criador de todas as coisas transmite à sua criação, uma relação de profunda comunhão e amor na qual, pelo poder do Espírito, tudo se renova e se santifica.

Diante das situações de violência, de desintegração da vida e de descaso com a natureza é necessário que olhemos, discernamos e afirmemos que tal realidade não corresponde à vontade de Deus, seguindo assim o caminho maior de Deus que é o da paz, da justiça e da integridade da criação. As pessoas frequentemente querem sair da lógica do amor e da alteridade: fugir do

mundo, da história e de si mesmas, não assumindo como somos de fato e desprezando os compromissos éticos decorrentes do Evangelho. Mas, “entre nós não será assim” (Lucas 22,26). No tocante ao cuidado com a *nossa casa comum*, o papa Francisco nos lembra que:

Hoje, crentes e não crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isto torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos. Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. (LS 93).

Tal perspectiva é geradora de uma nova visão espiritual. A espiritualidade se expressa em aspectos práticos e concretos da vida social e política, e estão destacados aí os processos de defesa da vida, da justiça social e econômica, dos direitos humanos e da terra, da cidadania e da dignidade dos pobres, o domínio da lógica do egoísmo tanto em esferas macro e sistêmicas como no cotidiano e na vida pessoal. A espiritualidade gera espaço de consciência social, alteridade e coexistencialidade, e cordialidade, humanização e integração cósmica. Ela é o empoderamento da vida, não somente humana, mas em todas as mais diversas formas de manifestação. Boff e Hathaway afirmam que:

Assim, a espiritualidade é um modo de ser, uma atitude fundamental a ser vivida a todo o momento e em todas as circunstâncias. Seja na arrumação da casa, seja trabalhando numa fábrica, dirigindo o carro, conversando com os amigos, experimentando um momento íntimo com nossos entes amados; as pessoas que criam espaços para o profundo e para o espiritual se tornam centradas, serenas, e cheias de paz. Elas irradiam vitalidade e entusiasmo porque têm Deus dentro de si. Esse Deus é amor, o qual, nas palavras de Dante, move os céus, as estrelas e nossos próprios corações. (2012, p. 428).

Tal perspectiva espiritual revela-se imprescindível para o futuro da humanidade e da Terra. Trata-se de uma abertura à sensibilidade com os outros e à cooperação e respeito à vida humana e à natureza, perceber o mundo natural, material e humano como fontes vivas de energia e de responder ao chamado à comunhão entre eles, em espiritualidade comunitária e ecológica, vital para a sobrevivência da biosfera.

Esta perspectiva teológica está associada à espiritualidade do *bem-viver*, que leva em conta o despojamento, a justiça e a integridade da criação. Como Francisco nos alerta na encíclica:

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adotar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto menos, tanto mais”. Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão

e realização pessoal. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres. (LS 222).

Uma teologia da criação deve, a nosso ver, por exemplo, motivar as igrejas a um aprofundamento de questões ecológicas e bioéticas e pautar cada vez mais o debate teológico e pastoral de temas atuais como clonagem humana, poluição ambiental, uso da terra e desmatamento, valor da biodiversidade, escassez da água, economia política e sexualidade humana, ao lado de uma lista considerável de aspectos e situações que marcam a contemporaneidade, assim como os limites e as possibilidades do ser humano nas mais diferentes áreas da vida. Vários e diferentes esforços precisam ser feitos para tal intento. Estamos dando alguns passos. ✞

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Marc. **O tao da libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: a doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Evangélicos e o papa**: olhares de lideranças evangélicas sobre a encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016.